
SF
SABER E FÉ
17

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de
uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé,
sendo proibida a reprodução total ou parcial deste
conteúdo, exceto em breves citações
com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

17

HERMENÊUTICA

PAULO RIBEIRO

SABER E FÉ

Versão da matéria: 1.0

Nossas matérias são constantemente atualizadas com melhorias e/ou possíveis correções.
Para verificar se existe uma nova versão para esta matéria e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

03 ▶ Introdução

05 ▶ Capítulo 1 ▼ A importância e a necessidade da hermenêutica
05 ◘ A importância da hermenêutica
06 ◘ A necessidade da hermenêutica

09 ▶ Capítulo 2 ▼ Panorama histórico: da hermenêutica dos judeus à dos pais da igreja
09 ◘ A hermenêutica entre os judeus
11 ◘ A hermenêutica cristocêntrica em seus primeiros usos
12 ◘ A hermenêutica na patrística

15 ▶ Capítulo 3 ▼ Panorama histórico: da hermenêutica medieval à Pós-Moderna
15 ◘ A hermenêutica na Idade Média
16 ◘ A hermenêutica na Reforma Protestante
17 ◘ A hermenêutica na pós-Reforma
18 ◘ A hermenêutica na era Moderna
19 ◘ A hermenêutica na era Pós-Moderna
20 ◘ Aprendendo com a história

23 ▶ Capítulo 4 ▼ Os fundamentos da correta interpretação
23 ◘ O verdadeiro sentido dos textos
24 ◘ A Escritura interpreta a si mesma

26 ▶ Capítulo 5 ▼ Pautas de interpretação
26 ◘ Princípio nº1
27 ◘ Princípio nº2
29 ◘ Princípio nº3
29 ◘ Princípio nº4
30 ◘ Princípio nº5
31 ◘ Princípio nº6

33 ▶ Capítulo 6 ▼ Aplicação das pautas interpretativas à exegese
33 ◘ Aplicação do princípio nº1
34 ◘ Aplicação do princípio nº2
35 ◘ Aplicação do princípio nº3
35 ◘ Aplicação do princípio nº4
36 ◘ Aplicação do princípio nº5
37 ◘ Aplicação do princípio nº6

39 ▶ Conclusão

40 ▶ Apêndice - Tabela de figuras de linguagem

42 ▶ Referências bibliográficas

▼ Introdução

A hermenêutica é uma disciplina que tem sido alvo de constantes e relevantes estudos nas últimas décadas. Variados métodos hermenêuticos, cada qual com seus pressupostos, têm sido enfatizados e empregados por diversos estudiosos da Bíblia e de outros textos antigos e históricos com a intenção de, em última análise, prover ferramentas para que a "verdade" seja descoberta.

O conceito de "verdade", no que se refere à natureza da Escritura, pode, entretanto, variar drasticamente de indivíduo para indivíduo. Há os que se aproximam da Bíblia considerando sua inspiração divina, crendo ser ela a Palavra de Deus e, nesta direção, propõem métodos para o seu estudo que não ignoram a natureza divina do texto bíblico. Por outro lado, há estudiosos que, embora desejem genuinamente conhecer a "verdade", creem que ela não pode ser encontrada ou que está parcialmente presente na Bíblia, excluindo desta o seu elemento revelatório. Estes últimos propõem métodos hermenêuticos que, embora bem estruturados, partem de premissas que subtraem o caráter sobrenatural intrínseco às Sagradas Escrituras.

Desta feita, podemos notar a abundância da produção teológica no campo da hermenêutica bem como a grande oferta de métodos, ideias e propostas de abordagem para o estudo do texto sagrado. No entanto, como dissemos, cada método que nos foi exposto nas últimas décadas parte de premissas distintas, as quais devem necessariamente ser analisadas para que nós, igualmente interessados na apropriação da verdade, possamos determinar o nível de validade de cada método e concluir até que ponto cada um pode ser confiável para quem estuda as Escrituras tendo-as como inspiradas, normativas e autoritárias.

Mais sobre isso será esclarecido nesta disciplina, mas, por hora, precisamos definir a hermenêutica e sua proposta de trabalho. Em outras palavras, é necessário indagarmos o que é hermenêutica e a que ela se propõe. Tais conhecimentos são pré-requisitos para adentrarmos de forma consistente neste rico campo de estudo.

A palavra hermenêutica deriva do verbo grego *hermeneuo*, que significa "interpretar", e tem sua origem no nome próprio Hermes, que, segundo a mitologia grega, era um mensageiro dos deuses encarregado de interpretar e transmitir suas mensagens aos mortais. Portanto, a hermenêutica é uma disciplina que lida com os princípios de interpretação. Para fixação, uma possível definição de hermenêutica pode ser: ciência e arte que nos ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação de textos.

A hermenêutica pode ser aplicada tanto a textos seculares quanto a textos bíblicos, mas, no geral (e por motivos especiais dos quais falaremos mais adiante), a hermenêutica se faz realmente necessária quando precisamos estudar textos antigos, compostos em épocas diferentes das que estamos inseridos. Para todos os efeitos, a partir deste momento, quando nos referirmos à hermenêutica, o faremos visando sua aplicação no estudo da Bíblia, ou seja, trataremos da hermenêutica bíblica. Ademais, cabe aqui um paralelo com a exegese, por ser esta uma disciplina tão próxima da hermenêutica; com efeito, ligada a ela. Essencialmente, são matérias diferentes, mas, na prática, acabam se fundindo em apenas uma atividade: a de interpretar textos.

O termo exegese significa "trazer para fora" e refere-se ao processo de aproximação do texto bíblico por parte do intérprete a fim de trazer à tona sua mensagem. A relação da exegese com a hermenêutica, a grosso modo, caracteriza-se pelo fato de que, com a exegese, a função do intérprete é valer-se de diversos recursos para interpretar o texto e dele extrair sua mensagem. Nesse processo, o papel da hermenêutica é fundamentar os princípios interpretativos nos quais o exegeta se apoiará para a realização da sua tarefa. Simplificando, a exegese é a extração do sentido de determinado texto, extração que se dá mediante princípios estudados e desenvolvidos na hermenêutica. Em suma, hermenêutica é o estudo dos princípios de interpretação enquanto a exegese é a aplicação desses princípios. Tal distinção conceitual é uma prerrogativa dos tempos modernos. Todavia, o fato é que ambas as ciências ligam-se de tal modo na tarefa interpretativa que, muitas vezes, na prática, são indistinguíveis, ocorrendo ao mesmo tempo.

Há ainda outro termo relacionado à hermenêutica e à exegese: o vocábulo "eixegese". O termo eixegese, ou seja, "levar para dentro", é o ato de se ler determinado texto trazendo indiscriminadamente para a leitura pré-concepções particulares que, fatalmente, influenciarão na extração da verdade presente no texto. Obviamente uma abordagem eixegética de qualquer texto influencia drasticamente o seu sentido e faz com que, do texto, se extraia uma mensagem que não lhe é natural. Imagine, assim, os danos que uma aproximação eixegética da Bíblia pode causar na teologia ortodoxa. Infelizmente, a eixegese na leitura bíblica sempre ocorreu, conforme registra a história da teologia, e continua ocorrendo. Toda vez que qualquer pessoa abordar a Bíblia de modo displicente ou se abstendo de sadios princípios hermenêuticos, uma extração distorcida da mensagem bíblica certamente ocorrerá.

Finalmente, a despeito dessas definições introdutórias que envolvem a hermenêutica, precisamos, neste ponto, nos perguntar: para que a hermenêutica? Qual sua função? Por que é necessário interpretar? A Bíblia, por trazer a mensagem de Deus para a humanidade, não deveria ser corretamente compreendida sem a necessidade de preparo algum? Estas são questões de extrema importância. De fato, são tão relevantes que o primeiro capítulo, o que se segue a esta introdução, tratará delas mais profundamente. Portanto, iniciemos o estudo da hermenêutica abordando a natureza de seu trabalho.

Capítulo 1

▼ A importância e a necessidade da hermenêutica

◘ A importância da hermenêutica

A hermenêutica, como disciplina que nos auxilia a interpretar e, consequentemente, a entender os textos bíblicos, é absolutamente necessária para a teologia. De fato, é imprescindível. Uma boa parte da teologia trata da pesquisa e do estabelecimento de doutrinas bíblicas - algumas consideradas fundamentais para o cristianismo, como por exemplo, a Doutrina da Salvação, ou ainda, a Doutrina do Pecado, entre outras. Sendo assim, é fácil deduzir que uma das fontes de conhecimento para a teologia (e a principal delas) é a própria Bíblia e, se o estudo da Bíblia pode fornecer respostas e elaborar propriamente as principais doutrinas cristãs, tal estudo deve ter uma importância imensurável para os cristãos.

O estudo apropriado da Bíblia, desde séculos antes de Cristo, tem sido o principal meio para a composição das doutrinas fundamentais acerca de Deus e de sua relação para com o homem. Ora, se o estudo da Bíblia tem esta importância na teologia, e a hermenêutica é a ciência que nos ajuda a interpretar e a entender corretamente a Bíblia, a conclusão lógica é que a hermenêutica é um dos principais instrumentos pelo qual a teologia é construída. Sem uma hermenêutica apropriada, toda a composição de nossa teologia seria mal estruturada, inválida e/ou inverídica.

Como podemos observar, a hermenêutica é um pré-requisito para o labor teológico e, desse modo, ela nos permite reavaliar constantemente nossa própria teologia. Se conhecermos os "princípios, as leis e os métodos de interpretação de textos", estaremos aptos a abordar o texto bíblico de forma crítica e, por conseguinte, descobrir verdades que até então estavam fora de nosso horizonte de compreensão ou que havíamos apreendido de maneira equivocada.

Por isso a hermenêutica é tão importante: ela é o mecanismo através do qual podemos interpretar as Escrituras e, assim, compreendê-las. Em última análise, a hermenêutica é o "instrumento base" mediante o qual nos apropriamos das asserções do cristianismo. Pode-se dizer, assim, que a religião cristã é compreendida por cada indivíduo em consonância com sua hermenêutica.

Mesmo conscientes da necessidade da hermenêutica que subjaz ao seu caráter vital para o cristianismo, alguma dúvida ainda pode restar quanto à necessidade de seu estudo. Isto porque é bastante comum a noção de que a Bíblia Sagrada, por constituir-se na mensagem de Deus ao homem, pode ser igualmente compreendida e facilmente entendida por todos os leitores.

Embora seja verdade que o leitor de nível médio certamente poderá compreender o cerne da mensagem bíblica e, assim, obter o conhecimento de Jesus Cristo necessário à salvação, é também um fato que a ignorância acerca dos princípios hermenêuticos mais avançados desabilita o leitor à compreensão mais profunda da Bíblia e o impede de discernir corretamente as doutrinas da Escritura. Obviamente, sendo a hermenêutica um pré-requisito ao amadurecimento teológico e sendo o amadurecimento teológico um pré-requisito a uma eficaz atuação no Reino de Deus (Fp 1.9-11; 2Tm 3.14-17), o indivíduo que não for capaz de interpretar a Bíblia com inteligência e propriedade não será um instrumento útil à expansão do evangelho.

Portanto, é fundamental que a Bíblia não seja simplesmente lida, mas sim, interpretada; e de modo correto.

A necessidade da hermenêutica

Como vimos, há um comum questionamento quanto à necessidade de se estudar ou interpretar a Bíblia. O fundamento dessa postura cética em relação à interpretação da Escritura parte da premissa de que, se Deus é quem deseja se revelar ao homem e foi quem providenciou a Bíblia como um meio para efetivar sua vontade, só o que precisamos fazer é recebê-la, sem a necessidade de preparo algum. Tal premissa, como veremos, é falaciosa e não encontra respaldo nas Escrituras. Pelo contrário, se observarmos a maneira como os próprios autores bíblicos abordaram as Escrituras (em última análise, como a Bíblia aborda a si mesma), veremos em sua metodologia um modelo no qual a nossa hermenêutica deve se basear; e tal modelo, definitivamente, ampara-se em uma abordagem interpretativa da Bíblia: claramente, a Bíblia interpreta-se a si mesma, como o aluno poderá verificar mais tarde.

Portanto, qual é o principal motivo pelo qual a Bíblia deve ser interpretada, em vez de ser apenas lida? Por extensão, por que o cristão, definitivamente, precisa da hermenêutica? A resposta, concisa, é que a Bíblia deve ser interpretada porque ela foi escrita em linguagem humana. Vamos analisar minuciosamente esta resposta.

Deus intentou revelar-se ao homem de modo especial, isto é, fazendo-se conhecer mais profundamente e mostrando à criatura seus propósitos redentores. Para que o homem pudesse receber e apreender a revelação divina, foi necessário que o Senhor se revelasse em algum tipo de linguagem que o homem entenderia - uma linguagem humana.

Como parênteses, devemos estabelecer que vários são os tipos de linguagem humana: escrita, musical, plástica (pintura e escultura) etc. Entretanto, a linguagem mais precisa para comunicar conceitos é a escrita. Sendo assim, Deus, em sua sabedoria, optou por revelar-se por meio da escrita.

Porém, toda e qualquer forma de linguagem humana está sujeita a um condicionamento temporal e cultural. Isto por uma simples razão: o homem vive em uma esfera temporal (está sujeito ao tempo) e cultural (está sujeito a uma cultura). O ser antrópico não pode escapar a essa condição de "aprisionamento" temporal e cultural e, fatalmente, toda linguagem é condicionada ao tempo e à cultura, ao se desenvolver dentro dessas duas esferas. Determinados termos linguísticos que são prontamente compreendidos em um país são, frequentemente, estranhos às pessoas de outro país, mesmo com a devida tradução. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao tempo: certas expressões utilizadas popularmente há apenas cinquenta anos, hoje, nos soam completamente estranhas.

Isto nos leva à conclusão de que a linguagem utilizada em determinado local do hemisfério não é a mesma utilizada em outro local. Além disso, ainda que considerássemos um mesmo local, mas em diferentes épocas, a linguagem não seria a mesma. As palavras, bem como os seus significados, mudam de região para região e de época para época, de modo que as mesmas palavas, expressões e sentenças utilizadas em determinada cultura ou tempo podem não significar a mesma coisa em outra cultura ou tempo. E esse aspecto condicional da linguagem é acentuado quando os dois elementos da soma (cultura + tempo) estão presentes simultaneamente, como é o caso da linguagem bíblica.

A linguagem presente nas Escrituras, por consistir em linguagem humana, também é condicionada à cultura, ao local (Oriente) e ao tempo em que foi escrita (a redação do livro bíblico mais antigo foi empreendida há mais de 3.500 anos). Com isso, podemos concluir que a mensagem bíblica, embora provenha de Deus para os homens de todos os tempos e culturas, foi transmitida mediante uma língua humana e, por esta razão, condiciona-se ao tempo e ao local em que foi escrita, carecendo, assim, de uma adequação (interpretação) para que seja compreendida por nós (pessoas de épocas e locais muito distantes daqueles em que a Escritura foi redigida).

Além do motivo apontado pelo qual a interpretação da Bíblia se faz necessária, alguns autores veem necessidade de mencionar a condição caída do ser humano (pela qual as faculdades intelectuais e espirituais do homem encontram-se corrompidas) como uma razão pela qual a hermenêutica torna-se imprescindível aos que almejam entender a Palavra de Deus com responsabilidade. É um fato que a Queda, exercendo influência em todas as faculdades do ser humano, inclusive em seu intelecto, prejudicou a capacidade dos homens em entender e conceber prontamente mensagens profundas que lhes são apresentadas. Assim,

um exame metódico e criterioso do que se pretende estudar se faz necessário para uma ideal compreensão de textos da natureza dos textos bíblicos, por exemplo. Daí, infere-se a necessidade da hermenêutica para uma plena compreensão da mensagem bíblica em relação à condição caída do ser humano.

Independente do auxílio que pode nos proporcionar esta categorização de razões pelas quais a hermenêutica se mostra necessária, o fato patente é que a hermenêutica faz-se necessária. Se desejarmos compreender corretamente o querigma bíblico e, assim, estabelecer corretamente nossos pensamentos acerca de Deus, precisaremos nos lançar com diligência ao estudo da hermenêutica. E nosso estudo se iniciará com um breve panorama histórico da interpretação bíblica, visto que, como disse Walter C. Kaiser Jr. em sua obra *Introdução à hermenêutica bíblica*, o estudo da história da interpretação "pode determinar quais influências levaram a alguns mal entendidos sobre a Palavra de Deus".

Capítulo 2

▼ Panorama histórico: da hermenêutica dos judeus à dos pais da igreja

◘ A hermenêutica entre os judeus

Provavelmente, um dos primeiros empreendimentos do uso da hermenêutica entre os judeus venha da época de Esdras (Ne 8.1-8), quando uma especial leitura da Torah, numa ocasião igualmente especial, foi mencionada.

Podemos, entretanto, dizer que determinados fatores contribuíram para o desenvolvimento da interpretação da Tanach (Bíblia dos judeus que compreende somente o Antigo Testamento dos cristãos) entre os judeus.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento do cânon hebraico exigiu que escritos posteriores (como a literatura sapiencial e a apócrifa, por exemplo) representassem uma reescritura e/ou interpretação de escritos anteriores, algo que já era praticado dentro do próprio texto canônico de então. Para percebermos isso, basta compararmos os dez mandamentos em Êx 20, Dt 5 e Jr 17.21,22.

Em segundo lugar, as circunstâncias históricas e as diferentes situações de cada época pelas quais os judeus passaram exigiram uma adaptação, uma releitura, uma interpretação da Lei e dos diversos textos que fundamentavam a identidade do povo judeu. A cada nova circunstância em que os judeus se viam, eles tinham que adaptar e aplicar os conceitos tradicionais e históricos recebidos de escritos de gerações muito anteriores à sua situação e necessidades atuais, a fim de manter sua unidade e identidade (um exemplo disso é a reinterpretação da necessidade do Templo de Jerusalém frente às circunstâncias em que se encontravam os judeus da dispersão).

Finalmente, em terceiro lugar, a necessidade de traduzir os textos hebraicos para línguas mais atuais que estavam em vigor entre os séculos IV e I a.C. (por exemplo a língua aramaica, falada na Palestina, e a língua grega, falada "universalmente" mesmo após a queda do império grego) levou os judeus à necessidade de interpretar os textos hebraicos conforme uma interpretação da Tanach, uma vez que qualquer tradução exige interpretação.

■ **Entre os judeus palestinos**

Estes judeus nutriam um profundo respeito pelas Escrituras, tendo-as como Palavra de Deus infalível. Para eles, até mesmo as letras dos livros eram sagradas de forma que seus copistas as contavam e recontavam no processo de elaboração das cópias. No entanto, tinham a Lei em muito maior consideração do que os Profetas e Escritos Sagrados, e, consequentemente, empenhavam-se com muito maior afinco na interpretação da Lei. Faziam, por isso, uma grande distinção entre a Lei da forma como foi escrita, e a midrash (exposição exegética da Lei que, com o passar do tempo, acabou confundindo-se com o próprio cânon na mentalidade judaica, de maneira que os judeus prestavam muito mais atenção e cuidado à midrash do que à própria Torah).

Os fariseus encontravam-se neste grupo (judeus palestinos) e, portanto, sua hermenêutica seguia esses padrões.

■ **Entre os judeus alexandrinos**

Os judeus alexandrinos eram os judeus da diáspora helenística e, por isso, muito influenciados pelo pensamento grego. A interpretação deste grupo de judeus era, em maior ou menor grau, determinada pela filosofia de Alexandria (grande centro cultural e filosófico fundado por Alexandre, o Grande, durante o império grego), e esta, pela filosofia de Platão.

Seguindo os rumos da filosofia platônica em sua dicotomia entre aparência e ideia, acreditavam que o sentido literal da revelação canônica era um degrau irrisório na hierarquia da interpretação, e que o sentido alegórico das Escrituras era o sentido correto para sua interpretação, embora restrito aos "iluminados" por um conhecimento especial. Pode-se perceber que a hermenêutica alexandrina foi também muito influenciada pelo Gnosticismo.

Vale acrescentar que, em certo nível, a Septuaginta (tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego realizada na cidade de Alexandria; seu símbolo é LXX) foi influenciada por uma hermenêutica alexandrina e, por extensão, platônica. Como dissemos, qualquer tradução não estará inteiramente livre da interpretação de seu tradutor. No caso da Septuaginta, por ter sido traduzida por judeus alexandrinos, e que já tinham sido influenciados pela cultura e pensamentos helenísticos, seu resultado foi uma tradução mais ou menos marcada pelo platonismo (que representava, de forma geral, o pensamento grego). Alguns exemplos desta tendência podem ser vistos na tradução de Gn 1.2, que no hebraico traz as palavras "deserto e vazio", e que foram traduzidas na LXX por "invisível e desorganizado". Além disso, ocorrências da palavra "vento" foram traduzidas para "espírito".

Dois representantes desta tendência hermenêutica são o filósofo Filo de Alexandria e o historiador Flávio Josefo.

■ **Entre os judeus caraítas**

Os judeus caraítas ("filhos da leitura") formaram-se como uma seita judaica no século IX d.C., como uma reação à influência do maometismo no rabinismo e tradições judaicas.

Em seus estudos, chegaram a aplicar métodos de investigação gramatical e lexicográfica. Do ponto de vista hermenêutico, são o grupo que mais se aproximou dos essênios, defendendo a primazia da lei escrita (em vez da lei oral, tão valorizada pelos fariseus pelestinos) e chegando a produzir comentários exegéticos.

A reação dos rabinos ao movimento caraíta culminou na conclusão do texto massorético.

■ **Entre os judeus cabalistas**

O movimento cabalista surgiu na Espanha e na Alemanha em meados do século XII, como uma reação à filosofia racionalista. Os judeus cabalistas conferiam um valor sobrenatural, mágico e místico a cada palavra, letra ou sinal do texto massorético.

Em sua tentativa de desvendar os mistérios divinos, os cabalistas utilizavam métodos de contagem de letras nas palavras e a substituição destas por outras com a mesma quantidade de letras, além da formação de palavras pela combinação de letras iniciais de diversas outras palavras, entre outros; tudo isso com a intenção de encontrar no texto sagrado alguma mensagem oculta.

◘ A hermenêutica cristocêntrica em seus primeiros usos

Os primeiros cristãos utilizaram os princípios e métodos da exegese judaica, acrescentando a ela uma interpretação cristológica do Antigo Testamento.

O próprio Cristo nos forneceu certos princípios de interpretação ao considerar as Escrituras inspiradas, sem, no entanto, aceitar a ideia do ditado verbal (como podemos notar em Mc 12.36, em que Jesus mostra que as palavras são de Davi, ainda que inspiradas pelo Espírito).

Houve momentos, ainda, em que Jesus modificou o texto para que a profecia tivesse cumprimento em sua Pessoa, como por exemplo abordando o texto de Zc 13.7 em Mt 26.31 e Mc 14.27. Nas questões de ordem moral e religiosa, Jesus foi categórico ao utilizar a forma literal da letra do texto (como em Mt 15.4 e Mc 7.10). Em outros momentos, utilizou a midrash (Mt 7.11 e Lc 11.13). Jesus criticou a tradição, porém, houve momentos em que não hesitou em fazer uso de ensinamentos do rabinismo.

Jesus estabeleceu ainda - no sermão da montanha, por exemplo - que suas leis deveriam ser entendidas num nível mais profundo e menos "mecânico" que o ensinado pelos fariseus e escribas.

O apóstolo Paulo era um excelente hermeneuta. Ao manipular ferramentas interpretativas de que dispunha em seu tempo adaptando-as às suas circunstâncias e necessidades, revelou uma grande capacidade de interpretação e aplicação da mensagem veterotestamentária.

Com muita frequência, Paulo citava textos do AT quando se dirigia a comunidades de origem judaica (Romanos, Gálatas e Coríntios). Em contraponto, quase não fazia uso deles ao tratar com comunidades de origem gentílica (Colossenses, Filipenses e Tessalonicenses).

Um outro fato acerca da interpretação de Paulo é que, em cerca de metade das citações que ele fez do AT , ele modificou o texto, o que pode denotar tanto que ele citava "de memória" tais textos, quanto sua influência da hermenêutica de Hilel (famoso rabino do século I a.C. que utilizava a midrash de uma forma diferente e inovadora, caracterizada pela adaptação do Texto Sagrado às necessidades práticas e problemas correntes das comunidades as quais se dirigia).

O apóstolo, em seu processo interpretativo, dialoga com diversas correntes religiosas e filosóficas de seu tempo dando-lhes roupagem cristocêntrica. Um exemplo deste diálogo é o que Paulo estabelece com a comunidade rabínica ao fazer alusão à Gemara Babilônica (literatura rabínica derivada da midrash que justificava o batismo de gentios prosélitos à luz do livro de Êxodo) em 1Co 10.1-4, texto em que relaciona o batismo cristão à passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho. Um outro exemplo é o uso que Paulo faz da retórica grega (tal qual Filo fazia) em At 19.8 e 28.23 ao se comunicar com os gregos. Ainda como Filo, Paulo faz alegorizações de textos do AT (1Co 9.9,10; Gl 4.21-31) como fizera na caracterização da Igreja como o novo Israel ao atribuir aos crentes as promessas de Deus estabelecidas com Abraão).

◘ A hermenêutica na patrística

No segundo século da patrística, o uso do alegorismo era a tônica da interpretação bíblica. Uma vez que o Novo Testamento não havia ainda sido oficializado como cânon aceito, as principais fontes de informação sobre Cristo disponíveis vinham do testemunho verbal e do Antigo Testamento, cuja alegorização o capacitava a fornecer todos os detalhes sobre a vida de Jesus. A partir do terceiro século, o desenvolvimento dos princípios hermenêuticos esteve associado a três diferentes centros da vida da Igreja: as cidades de Alexandria, Antioquia e as comunidades ocidentais, centrípetas à Roma.

■ A hermenêutica na escola de Alexandria

Como vimos, a cidade de Alexandria foi um importante centro cultural onde a religião judaica e a filosofia grega se fundiram. Assim como os judeus alexandrinos foram influenciados hermeneuticamente pela filosofia grega, os cristãos deste local também foram. O método de interpretação encontrado pelos teólogos patrísticos de Alexandria também foi o alegórico e, neste sentido, foram fortemente influenciados pelo método de interpretação de Filo. Em última análise, foram, então, influenciados pela filosofia de Platão.

Seus principais expoentes foram Clemente de Alexandria e Orígenes, seu discípulo. Ambos consideravam a Bíblia como Palavra de Deus inspirada e compartilhavam a opinião de que, dado o caráter divino das Escrituras, elas não deveriam ser interpretadas como quaisquer outros livros, cujos princípios hermenêuticos restringiam-se aos gramaticais.

Segundo Orígenes, todos os textos bíblicos têm um sentido espiritual, mas nem todos trazem também um sentido literal.

■ A hermenêutica na escola de Antioquia

A escola de Antioquia foi fundada provavelmente no final do terceiro século. Embora alguns considerem Diodoro (bispo de Tarso depois de 378 d.C.) o fundador desta escola de interpretação, seus maiores proponentes foram dois de seus discípulos: Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.

Embora estes dois homens diferissem em alguns aspectos, ambos chegaram perto de desenvolver uma exegese verdadeiramente científica. Reconheceram a necessidade de determinar o sentido original da Bíblia para um melhor proveito da tarefa de interpretação. Não somente valorizavam o sentido literal da Bíblia, como rejeitavam categoricamente o método alegórico/alexandrino de interpretação. Não que a escola de Antioquia fosse veementemente contra a ideia de um sentido espiritual em determinados textos bíblicos, mas eram contra a ideia de um sentido duplo (um sentido espiritual mais um sentido literal). Eles diferiam a hermenêutica tipológica, que consideravam genuína, da alegórica, que rechaçavam. Para os teólogos deste local, certos textos bíblicos poderiam ter um sentido espiritual, mas quando isso acontecia, este sentido deveria ser o único sentido do texto, e não uma "segunda opção" de sentido.

No trabalho de interpretação, Teodoro superou Crisóstomo (que detinha maior habilidade como orador de púlpito). Embora negasse a inspiração de alguns livros da Bíblia, ele defendeu uma interpretação histórico-gramatical das Escrituras, algo que o coloca muito à frente de seu tempo. Teodoro tinha um grande interesse pelo fator humano na Bíblia. Chegou, sem que perdesse sua identidade interpretativa,

a reconhecer um elemento tipológico na Bíblia e algumas passagens messiânicas em determinados salmos. Os três capadócios mencionados na matéria Doutrina de Deus (no debate histórico acerca da Trindade) pertenceram a esta escola de interpretação.

■ A hermenêutica na escola do Ocidente

Um tipo intermediário de exegese, que reconhecia alguns elementos da escola alegórica de Alexandria e alguns da escola de Antioquia, surgiu no Ocidente. Sua principal característica, no entanto, não era o equilíbrio entre as diferentes propostas hermenêuticas vigentes na época, mas a abordagem de um elemento inédito: a autoridade da tradição da Igreja na interpretação da Bíblia.

Esse tipo de exegese foi representado, principalmente, por Jerônimo e Agostinho. O primeiro, foi o que empreendeu a tradução da Vulgata. Embora tivesse familiaridade com as línguas originais da Bíblia, sua exegese consistia na composição de notas históricas, linguísticas e arqueológicas. O segundo não detinha um bom conhecimento das línguas originais, no entanto, foi exímio em sistematizar as doutrinas bíblicas.

Agostinho também defendia o tipo quádruplo de interpretação bíblica, o que influenciou, em grande medida, a hermenêutica na Idade Média.

Capítulo 3

▼ Panorama histórico: da hermenêutica medieval à Pós-Moderna

◘ A hermenêutica na Idade Média

A Idade Média não foi um período muito produtivo no campo da hermenêutica. Um dos motivos para a infertilidade do desenvolvimento da hermenêutica neste período foi a premissa de que a Igreja deveria deter autoridade sobre a interpretação da Bíblia, minando qualquer empreitada hermenêutica individual empreendida por quem quer que fosse.

Desta forma, os clérigos da Igreja não se preocupavam em desenvolver absolutamente nada no campo da interpretação, temendo desviar-se dos métodos e resultados interpretativos já estabelecidos pelos pais. Para se ter uma ideia de como a hermenêutica estava arraigada à tradição nesse período, Hugo de São Vítor (1096?-1141), um dos mais respeitados intérpretes da Bíblia na época, chegou a dizer: "Aprenda primeiro em que deve acreditar, e então vá até a Bíblia e encontre lá esse preceito!".

Outra forte característica da hermenêutica medieval foi a utilização do princípio de interpretação quádrupla defendido por Agostinho. A interpretação quádrupla advoga que o texto bíblico possui quatro sentidos: (I) o sentido literal; (II) o sentido alegórico; (III) o sentido tropológico ou "moral" e o (IV) anagógico ou "místico", "escatológico".

Apesar da estagnação hermenêutica na era medieval, importantes teólogos despontaram neste período. Um deles foi o arcebispo de Canterbury, Stephan Langdon (1150-1228), que dividiu a Bíblia em capítulos, tal como a temos hoje. No entanto, o maior teólogo medieval foi Tomás de Aquino (1225-1274).

Tomás de Aquino defendeu que, embora a Bíblia possua um sentido literal - que é a base para todos os outros sentidos - deve-se reconhecer um sentido simbólico nas Escrituras, sem o qual seria impossível que as verdades celestes fossem expressas.

Em seu trabalho exegético e de acordo com seu modo de ver, o texto do AT já prefigurava Cristo, sendo, portanto, a interpretação alegórica a única forma de encontrar o sentido desejado, uma vez que na concepção original do texto, já estava presente o sentido tipológico. Esta preocupação com a interpretação alegórica não impediu, no entanto, sua preocupação com a busca do sentido literal como parte do processo de interpretação.

A hermenêutica na Reforma Protestante

Enquanto nos séculos XIV e XV a ignorância quanto à Bíblia e sua interpretação havia prevalecido, a Renascença significou um enorme avanço para a hermenêutica. O sentido quádruplo das Escrituras foi sendo gradualmente deposto e teólogos deste período começaram a chamar atenção para a necessidade de se estudar a Bíblia em seus idiomas originais. Reuchlin publicou uma Gramática Hebraica e um *Lexicon* Hebraico, ambas valiosas ferramentas para o estudo dos originais das Escrituras. Erasmo publicou a Primeira Edição Crítica do Novo Testamento em Grego.

Um contraste interpretativo trazido pela Reforma, em comparação ao período medieval, foi a mobilização da autoridade da Igreja para as Escrituras em matéria de regra de fé e prática. Em virtude desta nova concepção hermenêutica, os "Cinco Solas" da Reforma foram compilados, todavia, com especial atenção à doutrina do "Sola Scriptura", que sintetizava a ideia de que a norma para todas as doutrinas não seria encontrada na tradição ou na Igreja, mas somente nas Escrituras. Os reformadores criam na Bíblia como sendo a Palavra inspirada de Deus, ainda que o conceito de inspiração da Bíblia não tivesse sido satisfatoriamente desenvolvido até então.

Notabilizaram-se na Reforma os teólogos Melanchthon, Lutero e Calvino como expoentes da teologia e, por extensão, da hermenêutica.

Martinho Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, prestando, à custa de ameaças, um grande serviço à Alemanha. Empenhou-se muito como expositor da Bíblia e sugeriu excelentes regras de hermenêutica, tornando-se melhor hermenêuta do que exegeta propriamente dito.

Lutero ainda defendeu o direito do julgamento particular na interpretação e enfatizou a necessidade de se considerar o contexto histórico de cada passagem, bem como o pré-requisito da fé para o intérprete. Além disso, desejava encontrar Cristo em todas as passagens da Bíblia.

Melanchthon foi discípulo de Lutero e sua mão direita. Tornou-se um intérprete admirável graças ao seu conhecimento extenso e sua competência no grego e no hebraico. Defendia os princípios de que as Escrituras devem ser entendidas gramaticalmente antes de serem entendidas teologicamente, e que as Escrituras

têm apenas um sentido claro e simples (repare no afastamento do sentido quádruplo medieval).

João Calvino foi, por consenso, o maior exegeta da Reforma. Suas exposições cobrem quase todos os livros bíblicos e o valor delas ainda é reconhecido. Calvino compartilhou muitos princípios defendidos por Lutero e Melanchthon, embora não concordasse com Lutero sobre a ideia de que Cristo deveria ser encontrado em todas as partes das Escrituras.

Calvino tinha um especial desprezo pelo sentido alegórico difundido na Idade Média, chegando a identificá-lo como um "artifício de Satanás" para obscurecer o sentido da mensagem bíblica. Embora detestasse o sentido quádruplo de interpretação medieval, ele defendia a existência de um sentido simbólico em determinadas partes das Escrituras, mas reclamava atenção para o fato de que tal sentido não era mais uma opção de sentido, antes, era o único sentido pretendido por Deus para a apreensão de tais passagens. Calvino também insistiu no fato de que os profetas deveriam ser interpretados à luz das circunstâncias históricas. Além disso, considerava que "a primeira função de um intérprete é deixar o autor dizer o que ele diz, ao invés de atribuir a ele o que pensamos que ele deveria dizer".

◘ A hermenêutica na pós-Reforma

O período da pós-Reforma sofreu um leve regresso na área da interpretação bíblica, e o pano de fundo para a estagnação do desenvolvimento hermenêutico neste período foi, em suma, o caráter dogmático do protestantismo. Explicaremos.

A liberdade hermenêutica trazida pelo protestantismo e suas implicações para o desenvolvimento teológico, ambos unidos à falta de equilíbrio inata aos seres humanos, fizeram com que o protestantismo europeu sofresse algum dano no campo prático. As diversas frentes protestantes (luteranos e calvinistas, principalmente) gastavam todas as suas energias lutando entre si em disputas teológicas minuciosas. O protestantismo estava mais preocupado com o desenvolvimento sistemático da teologia do que com o desenvolvimento pessoal de uma vida cristã piedosa.

Assim, os diversos ramos protestantes se preocupavam somente com o estabelecimento de seus dogmas, e levavam em consideração diferenças mínimas de opinião, mesmo em doutrinas consideradas "coadjuvantes" para o cristianismo (por "doutrinas coadjuvantes" queremos dizer "doutrinas não fundamentais para alguém ser considerado cristão", ou ainda, "doutrinas secundárias"). Por conta desta atitude dogmática que o protestantismo enfrentou, o período imediatamente posterior à Reforma é chamado por alguns de "Confessionalismo". Tal título refere-se à prática das igrejas desta época em focar seus esforços - quase que somente - na elaboraração de credos e confissões que sintetizassem suas crenças.

Concluindo, a exegese na era pós-Reforma "se tornou serva do dogmatismo e degenerou em mera pesquisa de textos-prova. As Escrituras eram estudadas para que se pudesse encontrar nelas as verdades incluídas nas Confissões" (Louis Berkhof).

Alguns movimentos surgiram neste período como resposta ao dogmatismo pós-reformado. Um deles foi o pietismo. Os teólogos pietistas, cansados da rivalidade entre os protestantes, desenvolveram uma teologia mais voltada à busca de uma vida piedosa, uma vida cristã mais prática.

Como dissemos, o ser humano tem muitas dificuldades em encontrar o equilíbrio em suas questões, e o movimento pietista não representou uma exceção. Em sua busca por uma vida cristã mais prática, relegaram a ciência e o conhecimento à escanteio e acabaram por desenvolver uma hermenêutica fraca. Segundo Berkhof:

> *Eles foram os primeiros a insistir [...] no sentido de que os sentimentos do intérprete deveriam estar em harmonia com os do escritor que ele queria entender. As tendências místicas desses intérpretes os levavam a descobrir uma ênfase especial onde nada existia.*

A hermenêutica na era Moderna

O período moderno, caracterizado pelo surgimento do Iluminismo (século XVIII), tem raízes no Racionalismo do século XVII. Portanto, o período moderno, com suas raízes e pressupostos racionalistas, abandonou a ideia do sobrenatural optando pelo uso exclusivo da razão.

No prisma moderno, Deus, que é sobrenatural, não pode interferir na história humana. Portanto, o desenvolvimento histórico deixa de ser uma obra guiada e dirigida por Deus e passa a ser uma obra de autoria humana, na qual o escritor e protagonista é o próprio homem. Logo, a tendência da hermenêutica moderna é o esvaziamento do sagrado dentro da Bíblia; milagres e manifestações especiais de Deus são desacreditados como eventos históricos.

Outra característica da hermenêutica moderna foi o abandono das ideias de inspiração e inerrância em relação à Bíblia em prol da aceitação do cânon como o resultado de um processo histórico. Além disso, estabelecendo um outro contraponto com as hermenêuticas da Reforma e da pós-Reforma, a interpretação moderna reagiu contra o dogmatismo e contra o controle da exegese pela teologia sistemática. Na era moderna, o objetivo do intérprete é, mediante o uso da razão, entender o homem, o pensamento, a cultura e a teologia que estava por trás do texto.

Para suprir tal demanda exegética, os teólogos modernos passaram a valer-se da chamada "crítica bíblica" (área que investiga a Bíblia sob diversos parâmetros com pressupostos racionalistas).

Alguns hermeneutas modernos importantes são John Semler (1725–1791) e John Ernesti (1707-1781).

John Semler elevou o racionalismo à categoria de sistema de interpretação, negou a inspiração da Bíblia e a origem divina das Escrituras. Para ele, uma vez que a considerava como um livro humano, a Bíblia deveria ser submetida aos métodos humanos de interpretação. No entanto, em um contexto em que a Bíblia não pode ser considerada um livro divino, a pergunta "por que, então, estudá-la?" é pertinente. A resposta racionalista, segundo Semler, a esta questão, reside no fato de que a Bíblia tem valor para o aperfeiçoamento moral do ser humano.

John Ernesti, por sua vez, tentou por um fim às lutas primitivas entre a interpretação literal e a alegórica. Ernesti rejeitou o sentido múltiplo das Escrituras e postulou que o sentido alegórico só pode ser considerado quando o autor do texto, claramente, o indica.

◘ A hermenêutica na era Pós-Moderna

O reducionismo racionalista na interpretação bíblica - característico da era moderna - deixou, com o passar do tempo, muitos teólogos e filósofos insatisfeitos. Dentre estes, surge Emanuel Kant, que questionou com fortes argumentos o racionalismo do século XVIII e disse ser um equívoco reduzir a religião à razão, pois a religião encontra lugar não no que é puramente racional, mas no que é ético. Os seres humanos são seres morais por natureza, e é possível, a partir desta moralidade inata ao ser humano, deduzir a existência de Deus, da alma, etc.

Alguns fatores influenciaram a gênese da hermenêutica pós-moderna. Um deles foi o advento das duas grandes guerras mundiais. Após as guerras, as pessoas se depararam com suas próprias impotências e incapacidades. As filosofias e teologias anteriores não tinham sido suficientes para poupar o ser humano de atitudes autodestrutivas.

Outro fator que influenciou a hermenêutica deste período foi o surgimento de um pluralismo inclusivista. No Iluminismo, um tipo de pluralismo havia despontado, um pluralismo que reivindicava convivência amigável e tolerante de diferentes visões teológicas e filosóficas. Contudo, na pós-modernidade, o pluralismo não é apenas tolerante, mas inclusivista, ou seja, reivindica o ostracismo de todo discurso, ideia, teologia ou filosofia que se imponha como única e/ou superior.

Além destes fatores, a pós-modernidade rejeita a ideia de um discurso que se possa aplicar, de forma comum, a qualquer cultura. Não há qualquer absoluto que transcenda diferenças culturais. Não mais se aceita a ideia de um discurso "autoritário" que se dirige a um aprendiz. O sentido de um texto é determinado no momento de sua leitura pelo leitor, e não pelo autor.

Alguns dos importantes hermeneutas pós-modernos são Friedrich Schleiermacher (1768-1834), Rudolf Bultmann (1884-1976), Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Hans Georg Gadamer (1900-2002).

Para Schleiermacher, a religião constitui-se no gosto pelo infinito, no gosto por Deus. A função da teologia, então, consiste em expor e atualizar essa ideia da dependência divina. A distinção entre o que é natural e o que é sobrenatural deve ser rejeitada, não porque se oponha à ciência moderna, mas porque limita o nosso sentimento de dependência de Deus àqueles momentos em que se manifestam as coisas sobrenaturais.

Schleiermacher, em seu modelo de interpretação, deixou para trás o conceito de inspiração das Escrituras e defendeu o princípio de que a Bíblia reflete exclusivamente as ideias de seus autores; e o único motivo pelo qual conseguimos interpretar a Bíblia é o fato de existir uma unidade no espírito humano capaz de conectar todos os homens (seres humanos) de todas as épocas. Schleiermacher valorizou de forma exclusiva esta experiência religiosa que liga todos os homens relativizando totalmente o cristianismo centrado na Bíblia.

Bultmann é considerado um dos maiores eruditos no Novo Testamento do século XX. Ele partiu do princípio de que toda interpretação pressupõe uma pré-compreensão, e esta, por sua vez, traz implícita uma filosofia. Valendo-se dessa prerrogativa, Bultmann alegou que a filosofia vigente na época de Cristo e seus primeiros discípulos era uma filosofia que pendia para a metafísica e para o místico, e, uma vez que tais características filosóficas não se adequam ao homem moderno, devem ser abandonas. Sendo assim, Bultmann criou o conceito de "devem" ("tirar o mito"), pelo qual há uma necessidade de retirar a roupagem mística e metafísica da Bíblia a fim de adaptar sua mensagem em termos existenciais (Bultmann foi influenciado pela filosofia existencialista de Heiddeger, do qual, inclusive, foi colega de classe) coerentes com o homem moderno.

Esta hermenêutica de Bultmann, como podemos perceber, não valoriza o que o autor do texto quis transmitir, mas aquilo que se expressa no texto, independentemente da intenção do autor. Para Bultmann, o texto, ao ser produzido, torna-se independente de seu autor. Sendo assim, o sentido da mensagem do texto é produzido exclusivamente pelo leitor.

Em outra vertente hermenêutica, no campo da linguística aplicada à exegese, é consenso que Ferdinand de Saussure foi um divisor de águas. Saussure desenvolveu uma teoria segundo a qual existe uma estrutura linguística comum a todos os povos. Para Saussure, embora existam idiomas diferentes, todos eles operam, de forma inconsciente, partindo de uma base que lhes fornece estrutura. Assim, mesmo que o autor de uma passagem a tenha escrito de forma consciente, transmitiu também uma série de outros sentidos em seu texto de forma inconsciente.

Saussure postulou que, enquanto a maioria dos exegetas de sua época procurava estudar o texto a partir de informações históricas a ele relacionadas (como o horizonte cultural no qual o texto foi produzido, o desenvolvimento do idioma no qual o texto foi escrito, o significado histórico de suas palavras, etc.), o correto seria estudar o texto partindo de sua narrativa, e não de fatores externos ao próprio texto. Em outras palavras, a tarefa do exegeta deve ser considerar a narrativa como um quadro pintado pelo autor, no qual o mesmo interpretou a sua realidade e a transmitiu para seus leitores.

Por fim, o filósofo Hans Georg Gadamer, que também representou um marco na história da hermenêutica e da exegese bíblicas, trouxe à tona o princípio hermenêutico no qual os "mundos" do autor e do leitor se fundem quando ambos se encontram no texto (este fenômeno é chamado, na hermenêutica, de "fusão de horizontes"). O leitor, então, expande o horizonte do texto ao abordá-lo dentro de um outro contexto histórico-cultural ao mesmo tempo em que o texto influencia o leitor a rever seus pressupostos e voltar ao texto uma vez mais, com outra ótica. Para Gadamer, não há como interpretar o texto a fim de descobrir o que seu autor quis dizer. O sentido do texto não é encontrado tendo em vista seu sentido histórico e original, mas mediante o diálogo presente com o texto. O texto fala por si só e a intenção do autor não deve (nem é possível, para Gadamer) ser procurada. Gadamer, então, contrariando os princípios racionalistas de que os pressupostos do leitor deturpam a interpretação do texto, diz que são justamente estes pressupostos que permitem e viabilizam a interpretação do texto.

◘ Aprendendo com a história

Todo desenvolvimento histórico é permeado com erros e acertos das pessoas que o formaram. Podemos perceber neste breve panorama histórico da interpretação bíblica que, ao longo dos anos, muitas pessoas empreenderam o desenvolvimento de um método para interpretar a Bíblia e, independente da funcionalidade e da validade destes métodos, todos os seus proponentes tinham a intenção de chegar à "verdade" (obviamente o conceito de verdade podia diferir de pessoa para pessoa, mas todas intencionavam interpretar o texto bíblico segundo o método que julgavam ser o correto).

Um grande benefício do estudo deste panorama histórico da hermenêutica é, com efeito, o de identificarmos nossas atuais tendências hermenêuticas situando-as em sua origem na história e, com isso, vislumbrarmos as consequências de nossas abordagens interpretativas antes mesmo de nos embrenharmos nelas. Devemos, pois, aproveitar os erros e sucessos de teólogos, filósofos e demais pessoas que, antes de nós, se preocuparam em encontrar a verdade e desenvolver métodos para isso.

Por fim, é necessário destacar, dentro de qualquer estudo que envolva história, uma atitude altamente nociva ao desenvolvimento teológico, da qual devemos nos resguardar com diligência: a atitude de condenar precipitada e ingenuamente como "errado" determinado método hermenêutico desconsiderando o momento histórico nos quais viveram seus proponentes. Em contrapartida, não podemos ser omissos em relação a verificação dos diversos métodos hermenêuticos e de seus pressupostos. Há, principalmente na pós-modernidade, uma necessidade crescente de se buscar um referencial de "correto", de "verdadeiro", a partir do qual se possa construir qualquer coisa.

Diante dessa constatação, nosso próximo capítulo trará uma reflexão inicial sobre o "correto" no que concerne aos métodos hermenêuticos. Partindo daí, poderemos, com a base conceitual adquirida, empreender o estudo desses métodos propriamente ditos.

Capítulo 4

▼ Os fundamentos da correta interpretação

Após o panorama histórico da hermenêutica bíblica pelo qual passamos, dois importantes parâmetros já podem ser estabelecidos. Eles servirão de base e fundamento para todas as regras de interpretação que se seguem. Eis os parâmetros:

1. Existe um sentido verdadeiro e único em todos os textos; este sentido é determinado pelo seu autor.

2. Qualquer texto, e especialmente o texto bíblico, deve ser interpretado a partir dele mesmo.

◘ O verdadeiro sentido dos textos

Com efeito, a tarefa de interpretação (ao menos no que tange às categorias histórico-gramaticais de interpretação dos textos) consiste na identificação da intenção do autor. Em outras palavras, a interpretação de qualquer texto deve consistir no esforço deliberado do exegeta em descobrir o que o autor do texto quis dizer, o que ele quis transmitir.

Tal conclusão é facilmente comprovada mediante um exercício bem simples. Imagine-se escrevendo, caro aluno, um texto qualquer. Você, obviamente, quer dizer ou comunicar algo mediante seu texto, afinal, é para isso que você o está redigindo. Agora imagine que seu texto está sendo lido por outrem enquanto você permanece ao lado dessa pessoa. Esse leitor, enquanto lê seus escritos, de repente, se depara com algo que não entendeu. Pode ser uma só palavra, uma sentença inteira, ou qualquer trecho que se apresenta obscuro. Diante da incompreensão que seu leitor está experimentando e estando ele ciente de que você, o autor do texto, está logo ao seu lado, não é evidente que o leitor irá dirigir-se a você - autor do texto - para sanar sua dúvida? Certamente que sim. E isto só expõe a realidade universal de que é o autor do texto quem, exclusivamente, pode transmitir com precisão a mensagem que queria transmitir. Logo, quando se busca compreender o sentido de qualquer texto, é a busca pela intenção do seu autor que devemos empreender.

Vale mencionar que, no caso exclusivo da Bíblia, por se tratar de um livro inspirado divinamente e, portanto, de uma natureza completamente distinta das outras obras literárias, outra categoria de pressupostos hermenêuticos terá de ser empregada - como veremos mais adiante na matéria - na interpretação desse Livro. O fato de Deus ser, em última análise, o autor da Sagrada Escritura nos constrange a admitir, além de técnicas que busquem a intenção dos autores humanos da Bíblia, técnicas que busquem a intenção de seu Autor Divino.

Por hora, entretanto, permanece a afirmação de que os textos, por sua própria natureza, são portadores de um sentido específico: o que foi pretendido pelo autor (além do sentido pretendido por Deus e do qual nem sempre o autor humano tem consciência); e tal sentido é o que deve, diligentemente, ser buscado por nós, leitores da Palavra. Como disse Henry Virkler, P.H.D. pela Georgia State University, em sua obra Hermenêutica Avançada:

> *[...] o significado de um texto deve ser aquele que o autor tinha em mente, em vez dos significados que desejemos atribuir às suas palavras. Se rejeitamos este princípio, não resta critério normativo, obrigatório, que discrimine entre interpretações válidas e inválidas.*

◘ A Escritura interpreta a si mesma

Pressupondo que o autor de determinado texto não esteja próximo ao seu leitor para remover as possíveis dúvidas que surgirem na hora da interpretação, o único recurso disponível ao leitor para entender o que está sendo dito é o próprio texto. Em outras palavras, para interpretar determinado texto, o leitor não pode contar com qualquer ajuda externa ao próprio texto e, sendo assim, o texto será o seu próprio intérprete. Esta constatação se torna, como veremos, ainda mais enfática e necessária quando o texto em questão é a Escritura.

Tratando-se do texto bíblico, em primeiro lugar, o texto deve ser seu próprio intérprete porque, obviamente, nenhum autor humano de qualquer um dos livros bíblicos está disponível para consulta acerca da interpretação de seus escritos. Logo, as respostas aos trechos obscuros do texto devem ser buscadas dentro do próprio texto, em partes que possam lançar luz sobre os trechos dúbios.

Sobre esta proposição, alguém pode contestar dizendo que os autores humanos não estão disponíveis para serem consultados, mas o autor divino sim, que age no leitor crente através da obra de iluminação. Todavia, embora seja verdade que o Espírito Santo ilumina os cristãos na compreensão das verdades espirituais, qualquer conclusão que se chegue pela interpretação da Bíblia deverá ser respaldada pela própria Escritura. Qualquer verdade ou conclusão que se tome partindo de uma interpretação da Bíblia, se não estiver em coerência com a própria Bíblia,

não será verdadeira. Lembremo-nos do conteúdo estudado em Doutrina das Escrituras e do fato de que a Bíblia, por possuir um só autor primário, não se contradiz.

Portanto, em última análise, o texto bíblico deverá ser o seu próprio intérprete, a despeito da iluminação do Espírito, que auxilia o crente a aplicar as verdades espirituais a sua vida.

Outra razão pela qual a Bíblia deve interpretar a si mesma - intrinsecamente relacionada ao primeiro motivo - é o fato de que qualquer interpretação validada por artifícios externos ao próprio texto abrirá portas para o estabelecimento de verdades incoerentes com a Verdade da Palavra, a verdade absoluta. Com efeito, se as conclusões de nossas interpretações não forem tiradas da própria Escritura, um inaceitável subjetivismo na interpretação se fará presente. Assim, para que as verdades de Deus sejam corretamente discernidas, é necessário que deixemos a Palavra de Deus dizer o que ela tem a dizer, e isso só é possível mediante uma consideração global da Escritura na interpretação de suas diversas partes.

Apesar da necessidade da Bíblia ser sua própria intérprete se estabelecer de forma lógica, é possível encontrar nas Escrituras as bases para essa compreensão? Sem dúvidas, a própria Bíblia nos fornece esse parâmetro de interpretação.

O apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, disse que "toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça [...]" (2Tm 3.16,17). O fato da Bíblia inteira - e não partes dela - ser útil para a apreensão das verdades divinas remete à necessidade de considerá-la por completo antes de se fixar qualquer verdade.

Além disso, como colocam E. Lund e P. C. Nelson em sua obra *Hermenêutica: princípios de interpretação das Sagradas Escrituras*, "Jesus nos exorta a examinar as Escrituras para achar a verdade, e não a interpretar as Escrituras para estabelecer a verdade a nosso arbítrio" (conforme Jo 5.39).

Enfim, um dos mais relevantes trechos da Bíblia, que reivindica o princípio de que a Palavra deve interpretar a si mesma, se encontra em Romanos 12.6: "De modo que, tendo diferentes dons segundo a graça que nos foi dada, se é profecia, seja ela segundo a medida de fé". Isso significa que qualquer "profecia" (ou mensagem bíblica) deve ser compreendida e emitida segundo a "medida da fé", isto é, o Canon Sagrado, a Bíblia inteira. Qualquer verdade bíblica deve ser compreendida à luz da totalidade da revelação.

Portanto, é um fato que a Bíblia deve ser sua própria intérprete, bem como se torna evidente que esse princípio, por si só, deve se constituir como o fundamento de todas as outras regras de interpretação; regras que, a partir do próximo capítulo, serão estudadas.

Capítulo 5

▼ Pautas de interpretação

Alguns autores na área da hermenêutica acham proveitoso categorizar as regras de interpretação (também chamadas "pautas de interpretação") dividindo-as em tipos de princípios a serem utilizados. Embora tal categorização traga benefícios em trabalhos mais extensos sobre hermenêutica, nós abordaremos as pautas interpretativas de modo independente das categorias em que podem ser enquadradas. Além disso, trataremos as pautas de interpretação de modo que sejam úteis a todos os tipos de literatura bíblica. Assim, a poesia, as narrativas, a profecia e a literatura epistolar, todas elas poderão ser trabalhadas em convergência com os princípios que mostraremos. Seguem, portanto, os princípios para a interpretação bíblica acompanhados de suas respectivas explicações e exemplos.

Princípio nº 1

Deve-se focar o significado das palavras, e não suas significações

A primeira premissa da qual devemos partir na interpretação de textos é a de que as palavras, embora possuam um amplo espectro de significações, ou seja, possuam diversas possibilidades de significado dependendo do contexto em que são utilizadas, são portadoras de um único sentido no texto em que estão aplicadas. Esclarecendo, as palavras possuem "significações" e "significados". Significação é a propriedade das palavras pela qual elas são capazes de exprimir diversas acepções ou sentidos em diferentes contextos. Desta realidade é que vem o conceito de "polissemia" dos textos. Significado, por sua vez, é o exato sentido no qual determinada palavra ou expressão está sendo empregado em dado contexto.

Por exemplo, a palavra verde, em um texto, pode se referir à cor verde. Em outro texto, a palavra verde pode significar imaturidade. Ainda em outro texto, pode designar alguém que, com a saúde prejudicada, está passando mal. Assim, a palavra verde tem uma variedade de significações que se expressa pela matiz de sentidos nos quais ela pode ser empregada.

No entanto, apesar das significações da palavra verde coexistirem, ela possuirá somente um significado se estiver inserida em um contexto. Isso porque o contexto de uma frase ou sentença limitará a quantidade de significados da palavra a um. Por exemplo, se dissermos: "Prefiro o verde ao azul ou vermelho", é óbvio que, ao mencionarmos a palavra verde, estamos nos referindo à cor verde. Se, por outro lado, dissermos: "João não está pronto para entrar no time, ele ainda está verde", evidentemente a palavra verde, neste caso, tem o sentido de imaturidade. E assim por diante.

Portanto, as palavras possuem uma propriedade de significação que as permite ser aplicadas em diversos sentidos. Todavia, em um dado contexto, as palavras trazem apenas um significado. Sozinhas, possuem significações; numa sentença, são vetoras de um só significado.

O princípio de que as palavras possuem somente um significado dentro de um contexto é primordialmente relevante na interpretação dos textos para que não atribuamos a elas outro sentido que não seja o exigido por elas no contexto em que estão. Na Idade Média, como vimos, era comum a atribuição de até quatro sentidos simultâneos às palavras de um texto. Essa delegação de diversos sentidos para uma mesma palavra em um contexto específico é, no entanto, altamente equivocada e deve ser evitada a todo custo pelo intérprete. Os que amam a Escritura e a respeitam como Palavra de Deus devem deixá-la dizer o que ela quer dizer, e não fazê-la dizer o que querem que diga.

Entretanto, apesar de as palavras possuírem, num contexto, um só significado e este ser o primeiro e fundamental princípio de qualquer hermenêutica saudável, elas podem ser portadoras de um "sentido pleno" ou *sensus plenior*, como se diz na liguagem hermenêutica. Mas o que é o *sensus plenior* e como ou quando determiná-lo? A resposta a esta questão veremos no tópico "Princípio nº 5", logo adiante. Vale adiantar que a possibilidade de existir um sentido pleno para certas palavras ou sentenças da Bíblia em nada altera este primeiro e fundamental princípio de interpretação.

Princípio nº 2

Deve-se considerar o significado das palavras segundo a intenção de seus autores - exame do contexto literário imediato e do significado histórico

É preciso determinar os significados das palavras, não com base em nossa atual concepção acerca do que elas significam, mas tendo em vista o significado pretendido por seu autor, ou seja, o significado das palavras na época em que foram escritas. Em outros termos, em um texto, as palavras não podem ser interpretadas segundo o conceito que delas mantemos, mas segundo o conceito que seu autor mantém ou mantinha acerca delas.

Existem, basicamente, duas maneiras de se determinar qual é o significado de uma palavra intencionado por seu autor: (1) o exame do contexto imediato - palavras, frases, versículos e capítulos anteriores ou posteriores ao trecho em estudo - e (2) o exame do(s) significado(s) que essa palavra tem ou tinha na época e cultura em que foi escrita. Vejamos um exemplo de cada maneira:

O termo "carne" é utilizado em diferentes sentidos nas Escrituras. Em Gênesis 6.12 lemos: "Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra". Diante de uma variedade de significados possíveis de carne (constituição física do ser humano, conforme 2 Co 7.1 e Rm 2.28; natureza humana pecaminosa, conforme Rm 7.18; e pessoa, conforme Gn 2.24), o contexto imediato de Gênesis 6.12 nos provê o significado que o autor tinha em mente quando mencionou "carne": o significado de "pessoa", de "ser humano". Basta, para essa conclusão, analisarmos os versículos anteriores e/ou posteriores, mais precisamente Gn 6.13.

Outro exemplo pode ser dado através do texto de 2 Timóteo 3.16,17, que diz que a Palavra de Deus foi dada para que o homem de Deus seja "perfeito". O significado de "perfeito" intencionado pelo autor é explicado na frase subsequente: "[...] e perfeitamente preparado para toda boa obra". Ou seja, a ideia que Paulo quis transmitir é a de que a Escritura é útil para o homem de Deus de modo a proporcionar-lhe a instrução e o conforto necessários para um viver piedoso e para o amadurecimento no conhecimento de Deus.

O significado de um termo intencionado por seu autor, como dissemos, também pode ser fixado pesquisando o significado que essa palavra tinha na época ou cultura em que foi escrita. Um exemplo pode ser dado mediante o texto de Provérbios 22.28: "Não removas os marcos antigos que puseram teus pais". Esta sentença, se desconsiderarmos o princípio hermenêutico em estudo, poderia trazer-nos a ideia de que não podemos efetuar mudanças na maneira como realizamos as coisas. No entanto, na época em que o texto de Pv 22.28 foi escrito, este "marco" era uma indicação física, uma espécie de poste que indicava os limites de uma propriedade. Portanto, o texto de Pv 22.28 é uma advertência contra o roubo.

Uma das formas mais eficazes de pesquisarmos o significado de uma palavra mediante seu uso histórico (caso o próprio contexto não o esclareça) é utilizar uma concordância bíblica pesquisando os diversos versículos que trazem essa palavra e, assim, analisarmos em quais sentidos ela foi empregada ao longo da história. Outra eficaz maneira de discernirmos os significados históricos das palavras é a consulta delas em um dicionário bíblico.

Vemos, assim, duas maneiras pelas quais podemos compreender o significado de uma palavra intencionado por seu autor.

Princípio nº 3

Deve-se considerar a finalidade da obra

É necessário determinar qual a finalidade primeira do livro bíblico no qual o texto está inserido. O motivo principal pelo qual um livro foi escrito deve ser um dos parâmetros através dos quais podemos entender certas colocações do autor. Além disso, saber qual a finalidade primeira da redação de uma obra lança luz para toda a sua interpretação.

Por exemplo, enquanto o livro de Romanos diz que o homem é justificado pela fé sem as obras, o livro de Tiago assevera que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé. Essa aparente contradição, entretanto, é sanada observando-se as intenções dos autores dessas obras. Em Romanos, Paulo combate a ideia de que o homem, por seus esforços, pode salvar-se ou mesmo colaborar para sua salvação. Tiago, por sua vez, argumenta que uma pessoa verdadeiramente salva desejará agradar a Deus, e seus desejos oriundos dessa nova vida espiritual redundarão, em dado momento, em boas obras.

Assim, vemos que a justificação discutida por Paulo em Romanos é a justificação no sentido soteriológico do termo. É uma justificação posicional diante de Deus pela qual nosso relacionamento com o Senhor se torna plenamente legal. Em contrapartida, a justificação debatida por Tiago equivale a uma declaração emitida pelos homens frente ao testemunho de alguém que se diz estar em Cristo.

Princípio nº 4

Deve-se congruir passagens paralelas

A Escritura, por ser um livro divinamente inspirado e, por isso, possuir somente um "autor primário", traz uma propriedade não apenas interessante mas essencial: sua unidade fundamental. Esta unidade preconiza que a Bíblia inteira é a Palavra de Deus, e não apenas o Novo, o Antigo Testamento ou qualquer um de seus trechos individuais. Como dissemos em um artigo na revista Defesa da Fé:

> *Se toda a Bíblia é a Palavra de Deus [...], é justo que, ao nos lançarmos na exegese de determinada perícope, a consideremos à luz da totalidade da revelação bíblica e não somente do conteúdo escriturístico anterior a ela. É necessário considerarmos, na exegese de cada passagem, o cânon definitivo das Escrituras (Defesa da Fé, n.100).*

Em vista de tal necessidade, o principal elemento conceitual a ser utilizado é o chamado "analogia da fé". E a principal consequência da "analogia da fé" é uma essencial pauta de interpretação: a necessidade de se consultar passagens paralelas para estabelecer o correto sentido do texto que se está lendo. Em outras palavras:

> *A congruência de passagens paralelas (as que tratam do mesmo assunto) deve ser empreendida, para que se possa entender corretamente o pensamento de Deus sobre determinado assunto. Somente encerrando sobre declarações formais tudo o que a Bíblia diz sobre qualquer assunto é que se torna possível estabelecer qualquer doutrina ou pensamento divino (Revista Defesa da Fé, n. 100).*

Um exemplo de aplicação deste princípio pode ser dado sobre o texto de Fp 2.7, que trata do "esvaziamento" do Jesus encarnado. Enquanto muitos, equivocadamente, interpretam o esvaziamento do Senhor como uma diminuição ou abdicação de sua divindade, os versículos seguintes nos mostram a natureza deste esvaziamento pelos termos que contêm ("...tomando a forma de servo...fazendo-se semelhante aos homens...sendo obediente até a morte..."). Além disso, em Jo 17.5, Jesus, implicitamente, afirma ter renunciado à sua glória celeste, a glória que possuía antes de encarnar. Portanto, ao congruirmos os mencionados textos de Filipenses e de João, entendemos que o esvaziamento do Senhor não foi a renúncia de sua natureza divina, mas a renúncia à glória que tinha antes de assumir uma natureza humana; Jesus abriu mão da glória que tinha por direito, e não de sua divindade.

Quando aplicamos este princípio de interpretação e consultamos passagens paralelas por toda a Bíblia a fim de interpretar determinado texto ou versículo, podemos, às vezes, notar que certas palavras ou sentenças proferidas em uma porção da Bíblia adquirem, em um trecho posterior da revelação, um significado mais amplo, um sentido mais completo que não era vislumbrado totalmente em sua parte anterior. A este sentido mais completo, que determinadas expressões podem adquirir com a progressividade da revelação bíblica, damos o nome de *sensus plenior*.

Princípio nº 5

Deve-se considerar a possibilidade de um sensus plenior em palavras ou expressões

Como vimos, o *sensus plenior* é a propriedade por meio da qual determinadas palavras ou expressões da Escritura podem ser portadoras de um sentido mais amplo e completo, sentido que já constava na mente de Deus ao inspirar a redação de determinada expressão bíblica, mas que o autor humano (limitado no espaço e no tempo) não poderia conceber. Portanto, o sentido real de tais passagens, palavras ou expressões só poderia ser completamente vislumbrado depois de algum tempo, em revelação posterior. Assim, é necessário considerar a possibilidade de haver um *sensus plenior* na passagem que se está abordando.

Um exemplo na Escritura de um texto portador de um *sensus plenior* é o de Dt 12.9,10. Este trecho diz que, segundo a promessa de Deus, os israelitas atravessariam o Jordão e alcançariam um "repouso" que o texto identifica como a terra prometida de Canaã. Em Js 11.23, o texto diz que os israelitas entraram na terra prometida, que anteriormente havia sido identificada como o "descanso de Deus". Porém, muito mais tarde, já na porção neotestamentária, o livro de Hebreus amplia o conceito de "repouso" (que, anteriormente, havia sido relacionado a um lugar físico, uma terra geograficamente localizável) e, finalmente, identifica esse repouso outrora prometido como a habitação final dos crentes - o povo de Deus - na eternidade com o Senhor (Hb 4.8-11; 11.14-16). Desse modo, a "Terra Prometida", a "Jerusalém Celestial" (Hb 12.22), alcança um significado muito maior e completo em revelação posterior fazendo com que o texto de Dt 12.9,10 seja portador de um *sensus plenior*.

Para finalizar, uma séria implicação da existência de um *sensus plenior* em certas palavras, passagens ou frases da Bíblia é o fato de que essas palavras, passagens ou frases, quando analisadas à luz de uma revelação posterior e tendo expostos os seus sentidos plenos, devem ser interpretadas, não mediante seu significado indicado pelo contexto (conforme preconiza o Princípio de Interpretação n°1), mas mediante seu significado pleno, exposto completamente em um trecho posterior da revelação bíblica. E essa verdade em nada anula o primeiro princípio hermenêutico estudado neste capítulo. Ao contrário, a existência do *sensus plenior* em certas partes da Bíblia faz com que essas partes, excepcionalmente, devam ser interpretadas alegórica ou simbolicamente. Além disso, como diz Louis Berkhof, em sua obra *Princípios de Interpretação Bíblica*, "certas partes da Escritura têm um sentido místico que, neste caso, não constitui num segundo sentido, mas no sentido real da Palavra de Deus".

Assim, vemos que, em certas passagens claramente identificáveis em revelação posterior (geralmente neotestamentária), determinadas expressões devem ser interpretadas considerando seu sentido pleno, e tal interpretação deve se sobressair à interpretação que leva em conta somente o significado histórico e gramatical das palavras.

Princípio nº 6

Deve-se considerar os assentamentos da fé

Os "assentamentos da fé" são, na linguagem hermenêutica:

Passagens bastante claras e suficientemente extensas, que tratam tão didaticamente de determinados assuntos, que devem ser utilizadas como base para o entendimento dos mesmos assuntos em passagens cujos significados estão menos evidentes (Paulo Ribeiro, Revista Defesa da Fé, n. 100).

Este princípio, às vezes simplesmente colocado como "interprete passagens mais obscuras a partir de passagens mais simples que tratem do mesmo assunto", é de vital importância para o hermenêuta.

Continuando em nosso artigo publicado na Revista Defesa da Fé:

> *[...] como consequência direta dessa pauta de interpretação em particular, podemos postular que somente aquilo que é ensinado de forma clara, inequívoca e ausente de ambiguidades pode constranger a consciência do cristão. Em outras palavras, nenhuma doutrina que constranja a consciência do crente a algo deve ser estabelecida com base em conclusões particulares.*

Assim, é necessário ter em mente os assentamentos da fé para a fixação de qualquer doutrina.

Tendo analisado os princípios hermenêuticos mais importantes e os interioriorizado em nossa mente, seguiremos ao próximo capítulo que consiste, basicamente, em um exemplo de como aplicar esses princípios na exegese de uma perícope.

Capítulo 6

▼ Aplicação das pautas interpretativas à exegese

Após termos estudado algumas das principais pautas de interpretação, daremos, neste último capítulo, um exemplo de como aplicá-las na prática, na exegese de um trecho bíblico. E a perícope que adotaremos para este exercício é a de Filipenses 2.12* (texto da Almeida Revista e Corrigida):

"De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor".

Aplicação do princípio nº 1

("Deve-se focar o significado das palavras, e não suas significações")

Aplicando a primeira pauta interpretativa à perícope em análise, de imediato, renunciamos a qualquer polissemia no texto. As palavras possuem um só significado no texto em que estão e tal significado é o que seu autor intencionou. Na aplicação do segundo princípio trataremos de verificar mais cuidadosamente o significado das palavras intencionado por seu autor. Deixaremos à aplicação do princípio n° 6 a inspeção do trecho em busca de possíveis expressões ou palavras com sentido pleno.

---

*Os comentários exegéticos que seguirão neste capítulo pertencem a uma série de comentários de Paulo Ribeiro sobre o livro de Filipenses e são, portanto, propriedade intelectual protegida pela lei. Qualquer reprodução, para fins pessoais ou comerciais, deverá ser precedida pela autorização do autor.

Aplicação do princípio nº 2

("Deve-se considerar o significado das palavras segundo a intenção de seus autores - exame do contexto literário imediato e significado histórico")

De imediato, não encontramos no texto qualquer palavra susceptível a variações temporais, geográficas ou culturais de significado. Todas as palavras presentes na perícope são conhecidas ao leitor mediano em nossa cultura.

Contudo, a sentença "...operai a vossa salvação..." nos deve despertar para uma investigação. E o motivo de tal sentença ser alvo de uma investigação mais cautelosa é o fato de que sua interpretação pode variar e, mais ainda, pode produzir implicações graves para a formulação de uma teologia ou doutrina. Portanto, vamos buscar uma melhor compreensão desta expressão.

Entendida de modo rápido, literalizado e inconsequente, a expressão "...operai a vossa salvação..." pode nos induzir à falsa conclusão de que temos o poder de salvar-nos a nós mesmos ou mesmo contribuir para que a salvação ocorra; afinal, a exortação bíblica é para que "operemos ou efetuemos a nossa salvação". No entanto, um estudo mais responsável nos mostra algo diferente.

Primeiramente, a exortação do v. 12 contrapõe a obediência à "operação da salvação". Repare: "...assim com sempre obedecestes [...], assim também operai...". Deste modo, vemos que o argumento aqui é que, se os cristãos de Filipos eram obedientes na presença de Paulo (um homem), em sua ausência deveriam ser muito mais, pois Deus mesmo é quem estava entre eles (v. 13). Por isso era necessário que os crentes operassem ou realizassem sua salvação com temor de Deus: Deus sempre está presente entre eles e esta realidade lhes demanda uma obediência muito mais cuidadosa.

Em segundo, a exortação à obediência, reclamada no v. 12 pelo termo "operai" (vemos aqui a importância de se considerar o contexto para uma boa apreensão do significado que os autores querem dar às suas palavras), traz como pano de fundo a obediência e a submissão de Cristo em sua humilhação (v. 8). Assim, a "realização da salvação", sobre a qual Paulo falou, relaciona-se à submissão a Deus ("Deus é quem produz em vós o querer"): uma vez que o próprio Cristo submeteu-se à vontade do Pai, quanto mais os crentes de Filipos (assim como nós) deveriam submeter-se, obedecendo-o.

Portanto, vemos que a sentença "operação da salvação" em nada implica na conclusão de que podemos efetuar nossa própria salvação ou que contribuímos de alguma maneira para que ela aconteça. Ao contrário, somos exortados a atender aos apelos de Deus (que ecoam nas novas vontades e inclinações de uma natureza regenerada), uma vez que Deus mesmo nos incute tais desejos puros e santos (v. 13 - novamente o contexto nos explicita o significado que o autor quer dar às suas palavras).

Aplicação do princípio nº 3

("Deve-se considerar a finalidade da obra")

Aplicando o terceiro princípio de interpretação, entendemos os motivos pelos quais o autor desta perícope, o apóstolo Paulo, a escreveu. Segundo a introdução à epístola de Paulo aos filipenses da Bíblia de Estudo de Genebra:

> *Paulo escreveu esta carta para expressar tanto alegria quanto preocupação. A epístola é inundada de gratidão pelo modo como Deus estava levando adiante a obra de salvação entre os filipenses e pela ligação especial que existia entre Paulo e seus leitores. Ao mesmo tempo, a carta apresenta um tom sério. Os filipenses enfrentavam perseguição (Fp 1.27-30) e pressões de falsos ensinamentos (Fp 3.2-21). Além do mais, conflitos dentro da igreja colocavam em risco o ministério em Filipos (Fp 1.27-2.18; 4.2-3). Paulo escreveu tanto para expressar sua alegria quanto para dar instruções aos crentes filipenses.*

Deste modo, o comentário introdutório da Bíblia de Estudo de Genebra corrobora a interpretação de Fp 2.12 estabelecida até o momento. A exortação à obediência a Deus (tendo como fundamento a humilde obediência do próprio Cristo encarnado) evidencia os conflitos que estavam ocorrendo na comunidade cristã de Filipos. As exortações à unidade e a atitudes humildes e fraternais expostas nos vs. 1-4 ilustram este fato.

Por fim, visando o direcionamento dos alunos, vale dizer que um dos modos mais eficazes e práticos de se descobrir o motivo para a redação de determinado livro bíblico é consultar uma boa Bíblia de estudo ou comentário bíblico. Às vezes, os dicionários bíblicos também trazem boas introduções às obras dos autores sagrados. De qualquer maneira, a consulta a essas ferramentas não isenta o teólogo ou estudante da Bíblia de estudar o livro inteiro, a fim de, por seus próprios esforços, identificar os motivos por trás das Escrituras.

Aplicação do princípio nº 4

("Deve-se congruir passagens paralelas")

Como vimos anteriormente, tanto para consolidarmos o resultado de nossa interpretação até o momento, quanto para ampliarmos nossa compreensão do trecho em estudo, é necessário buscar na Escritura outros trechos que corroborem e/ou expandam a ideia de que precisamos obedecer a Deus, particularmente no que tange a seguir os impulsos da nova natureza, implantada em nós pelo Espírito Santo. Outrossim, buscaremos trechos da Bíblia que acentuem a obediência de Cristo ao Pai, em seu estado de humilhação.

Primeiramente, numerosos trechos mostram a necessidade de obedecermos a Deus, atendendo aos desejos do Espírito. O texto de Cl 3.1-17 nos insta a mortificar nossos membros que estão sobre a terra e a despojar-nos de atitudes e pensamentos maus, típicos da natureza pecaminosa; e nos encoraja ao revestimento de qualidades, inclinações e ações características de "eleitos de Deus" (v. 12). Além disso, o próprio Jesus, em Mt 7.21, nos mostra que a obediência à vontade de Deus (que não se caracteriza como o cumprimento mecânico de regras e mandamentos, mas é baseada e pautada no amor - Jo 15.12) é o verdadeiro sintoma de que a verdadeira salvação ocorreu na vida de determinada pessoa, ao passo que, os que apenas seguem regras e protocolos religiosos, mesmo professando abertamente o nome do Senhor, não possuem a vida eterna; e Mt 7.17 fecha a questão.

Em segundo, vários trechos bíblicos evidenciam o caráter humilde e servil de Jesus. A imagem do "servo sofredor", em Is 53, representa uma vívida descrição da humilde e voluntária obediência de Cristo ao Pai; o v. 7 sintetiza, de forma dramática, o cenário descrito: "Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca". Por fim, a oração do Senhor em Mt 26.42 é um exemplo bastante explícito da voluntariedade de Jesus e de sua obediência.

A conclusão é que, para todos os efeitos, a humildade, voluntariedade, resignação e obediência do Senhor Jesus ao Pai em seu período de humilhação se constituem como o principal parâmetro e fundamento para a afirmação de uma práxis cristã semelhante. Se o próprio Deus humilhou-se a si mesmo sendo obediente, quanto mais nós, criaturas, precisamos nos humilhar e obedecer a Deus, alimentando a vivência espiritual mediante o cumprimento das esferas da nova vida em Cristo.

Aplicação do princípio nº 5

("Deve-se considerar a possibilidade de um *sensus plenior* em palavras ou expressões")

Analisando a passagem em estudo, verificamos que não há qualquer termo ou sentença portadores de *sensus plenior*. Tal constatação é facilitada por duas razões: (I) a passagem já se encontra no Novo Testamento, e a maioria das ocorrências de termos com *sensus plenior* se fixa no Antigo Testamento. Isto é evidente pelo fato de o Antigo Testamento ser, em muitos aspectos, uma prefiguração do Novo, e, se há algum termo com a qualidade de um sentido pleno, ele deve estar na porção veterotestamentária da Escritura, e seu sentido pleno deve ser desenvolvido na porção neotestamentária. Além disso, (II) verificando cada palavra da passagem, não notamos qualquer palavra teologicamente carregada, cujo sentido foi desenvolvido em grande parte da Bíblia. Caso houvesse, utilizaríamos uma

concordância bíblica para buscar, em todas as passagens de revelações posteriores (livros escritos após a redação da passagem em estudo), possíveis ampliações de sentido.

Mesmo não havendo no trecho em análise algum termo em especial que traz um *sensus plenior*, notamos duas palavras que foram largamente utilizadas em revelação anterior. Trata-se das palavras "temor" e "tremor". Apesar dessas palavras, em Fp 2.12, não portarem algum sentido novo no local onde estão, por seu uso frequente no Novo Testamento (bem como no Antigo), é prudente verificarmos seus significados mais cautelosamente.

Com o auxílio de uma concordância, verificamos que, por exemplo, em Rm 3.18 e 2Co 7.1, a palavra "temor" descreve uma atitude reverente diante de Deus. Não se trata de um medo que responde ao poder e ao elevado senso de justiça de Deus, mas um "medo" (se é que podemos chamá-lo assim) de desagradá-lo. Além disso, esta conclusão é apoiada por outros versículos nos quais a palavra "temor" é utilizada com o mesmo sentido (Ef 5.21; 1Pe 3.2,15).

Por sua vez, a palavra "tremor" como substantivo, nos locais onde aparece no Novo Testamento, sempre indica "assombro" ou "terror" (Mc 16.8; 1Co 2.3; Ef 6.5).

Por fim, vale dizer que o emprego de léxicos e dicionários bíblicos, para a aplicação deste princípio, por exemplo, é muito bem-vindo, para não dizer indispensável.

Aplicação do princípio nº 6

("Deve-se considerar os assentamentos da fé")

Como vimos, os "assentamentos da fé" são passagens claras e suficientemente extensas que tratam de algum assunto tão inequivocadamente que devemos utilizá-las como base para a interpretação de passagens menos claras, menos extensas ou mais obscuras. Trata-se da aplicação da norma máxima da hermenêutica bíblica: a Escritura deve interpretar a si mesma.

Baseando-nos no fato de que devemos considerar os assentamentos da fé na interpretação de Fp 2.12, observamos o Novo Testamento em busca de passagens que trazem conteúdo semelhante (algo que já fizemos na aplicação do princípio nº 2) e verificamos a congruência de todas as passagens. E qual o resultado? Todas elas batem. Não há qualquer passagem que desminta ou se oponha às conclusões que chegamos sobre a perícope de Fp 2.12. Portanto, nossa interpretação deve estar correta e teologicamente saudável. Ademais, ela não conflita com quaisquer dos assentamentos da fé presentes em toda a Bíblia. Em outras palavras, nossa interpretação não se opõe a quaisquer das grandes verdades reveladas na Bíblia em passagens claras.

Assim, fechamos nossa interpretação de Fp 2.12, na qual aplicamos as seis pautas hermenêuticas descritas no Capítulo 5. Devemos "operar nossa salvação" com temor e tremor, o que equivale a nos dispor, com humildade, gratidão, amor e voluntariedade, a atender às inclinações e impulsos de nossa nova natureza, a natureza regenerada. E o principal paradigma pelo qual empreendemos a obediência e a responsabilidade para com nossa vocação celestial é a própria obediência e voluntariedade de Cristo que, sendo Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se, humilhou-se e obedeceu até a morte.

É com essa interpretação que fechamos este capítulo e matéria, partindo para a conclusão da disciplina.

▼ Conclusão

A hermenêutica é uma disciplina essencial, vital ao desenvolvimento teológico da Igreja, tanto no sentido místico da palavra, quanto no sentido aplicado a indivíduos. Nós, cristãos, teólogos profissionais ou não, precisamos da hermenêutica, como ciência e arte, que nos permite interpretar corretamente a Palavra do Senhor.

Com o estudo da hermenêutica, entendemos conceitos relevantes acerca da verdade e da capacidade fatual das palavras transmitirem significados reais, discerníveis e compreensíveis. Entendemos que o texto, como uma ferramenta comunicativa, demanda uma atitude reverente e respeitosa, que se traduz em nossa atitude de respeitá-lo como uma enunciação de seu autor. É necessário nos aproximarmos dos textos buscando neles a mensagem que seus autores quiseram ou querem transmitir; e isso se torna ainda mais crítico se considerarmos que o autor primário da Escritura é o próprio Deus. Se o Senhor se ocupou em fazer sua vontade e revelação serem escritas para o conforto e segurança dos que lhe pertencem, o correto, da parte dos que o reverenciam, é a aplicação de esforços para o entendimento da mensagem de Deus.

E para isso serve a hermenêutica. Muito mais do que a um entretenimento intelectual, a hermenêutica serve para que entendamos a Palavra do Senhor e a apliquemos, em nossa vida e em nossa comunidade.

▼ Apêndice - Tabela de figuras de linguagem

Como vimos, as palavras são portadoras de várias significações e, num dado contexto, seu significado pode assumir um sentido figurado; ou seja, em um contexto, o significado das palavras nem sempre assumirá o sentido usual proposto por sua etimologia, mas, às vezes, assumirá um sentido figurado.

A seguinte tabela traz algumas das principais figuras de linguagem.

Figura	Explicação	Exemplo
Metáfora	Consiste em uma comparação implícita entre dois objetos ou fatos.	(I) Seus olhos são duas esmeraldas. (II) Eu sou a videira verdadeira.
Símile	Consiste em uma comparação explícita entre dois objetos ou fatos.	(I) Seus olhos são como duas esmeraldas. (II) E viu o Espírito de Deus descendo como pomba.
Sinédoque	Consiste na atribuição da parte pelo todo ou do todo pela parte. Às vezes, é considerada como um tipo de metonímia.	(I) Todas as vezes que (...) beberdes este cálice (ao invés de dizer "...do cálice"). (II) Foi por todo o mundo e pregou a palavra (ao invés de dizer "Foi por toda a região que conhecemos").
Epizeuxe	Consiste na repetição de palavras ou de seus sinônimos para maior veemência ou ênfase no que se quer dizer.	(I) Gostaria que você, nesse treino, desse seu sangue, sua alma, sua energia, tudo o que você tem. (II) O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros.
Hipérbole	Consiste em um exagero ou demasia propositada de modo a dramatizar o que se vai dizer.	(I) Estou tão triste que minha vida acabou. (II) As cidades são grandes e com muralhas até o céu.

Prosopopeia	Consiste em atribuir características humanas a objetos inanimados ou seres irracionais, a fim de acrescentar poesia ao que se fala.	(I) Os montes e colinas cantarão suas belezas. (II) Todas as árvores do campo baterão palmas.
Paradoxo	Proposições aparentemente ilógicas ou contrárias à razão, colocadas dessa maneira para acrescentar poesia ou drama ao que se vai dizer.	(I) Eu sou um velho moço. (II) Deixe que os mortos sepultem seus próprios mortos.
Metonímia	Consiste no emprego da causa pelo seu efeito; ou do símbolo pela realidade que ele indica.	(I) Eles têm Moisés e os profetas; que os ouçam (ao invés de dizer "Eles têm os escritos de Moisés e dos profetas..."). (II) O sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado (ao invés de dizer "o sacrifício vicário de Jesus nos purifica...).
Ironia	Consiste em dizer o contrário do que realmente intentamos dizer, mas de modo que o interlocutor o perceba e entenda de maneira correta nossa intenção. Devido ao fato de a ironia ser mais facilmente identificável pelo tom de voz empregado em sua enunciação, os exemplos de ironias em textos requerem mais atenção para serem discernidos.	(I) Meu marido é um santo; só me traiu três vezes. (II) Em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos (...) aqueles obreiros fraudulentos que se disfarçam de apóstolos de Cristo.

▼ Referências bibliográficas

- ✓BERKHOF, Louis. *Princípios de interpretação bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- ✓CROATTO, J. S. *Hermenêutica bíblica:* para uma teoria da leitura como produção de significado. São Paulo: Paulinas, 1996
- ✓KAISER, W. C. Jr; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- ✓LUND, E; NELSON, P. C. *Hermenêutica:* Princípios de interpretação das Sagradas Escrituras. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- ✓PRATT, Richard L. Jr. (Org.). *Bíblia de estudo de Genebra*. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- ✓RIBEIRO, Paulo. *A necessidade de uma interpretação teológica das Escrituras Sagradas*. Defesa da Fé (revista brasileira de apologética cristã), ano 13, n° 100, pg. 38
- ✓VINE, W. E.; UNGER, MerrilF.; WHITE, William Jr. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- ✓VIRKLER, Henry. *Hermenêutica avançada:* princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Editora Vida, 2011.



www.saberefe.com
Acesse agora!

▼ Avaliação

◘ Parte I - Questionário

Assinale apenas 1 (uma) alternativa para cada questão.

1) O versículo 2 do Salmo 23 diz: "(...) guia-me mansamente a águas tranquilas" (ARC). Utilizando os princípios de interpretação estudados, deduzimos acertadamente que a interpretação deste trecho é a seguinte: (0,5 pt.)

a. As "águas tranquilas" são uma referência ao Espírito Santo, claramente identificado com a água por toda a Escritura.

b. As "águas tranquilas" possuem um *sensus plenior* que, mostrado no Novo Testamento, se refere à justiça de Deus.

c. Por "águas tranquilas", podemos entender vários sentidos simultâneos na passagem, todos coexistindo e igualmente válidos.

d. Por "águas tranquilas", o autor do Salmo não quis dizer nada além de "águas tranquilas". Não existem dois sentidos simultâneos. O autor se valeu da imagem de um riacho para descrever a graça de Deus em nos prover e saciar.

e. Nenhuma das alternativas acima está correta.

2) Segundo as pautas de interpretação estudadas, analise os seguintes trechos da Escritura com suas respectivas interpretações e assinale a alternativa cuja interpretação for falsa. (0,5 pt.)

a. O texto de Mt 3.4 diz: "João tinha o seu vestido de pelos de camelo e um cinto de couro em torno dos seus lombos". Os aspectos da vestimenta de João são um símbolo do cuidado e proteção divinos. Assim, apesar de poderem ser interpretados literalmente, possuem um significado mais profundo.

b. O texto de Mt 3.12, "Em sua mão tem a pá e limpará a sua eira e recolherá no celeiro o seu trigo e queimará a palha com fogo que nunca se apagará", se vale de uma linguagem simbólica. O trigo e a palha referem-se, respectivamente, aos salvos, que evidenciam sua condição mediante um coração disposto a Deus; e aos não-salvos, que, apesar de estarem externamente misturados aos salvos, serão excluídos por Cristo.

c. Em Mt 3.17 temos: "E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". Neste caso, "Filho" não pode ser interpretado literalmente. Analisando o significado histórico de "Filho" na Escritura, vemos que, muitas vezes, esta palavra não denota cosanguinidade, mas identificação de natureza.

d. Mt 5.4 diz: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados". De acordo com a intenção do escritor, evidenciada desde o início do livro, os "bem-aventurados que choram" não são bem-aventurados simplesmente por chorarem, mas por chorarem por causa de sua pecaminosidade.

e. O texto de Mt 6.20, "Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam", não nos diz que na eternidade haverá, literalmente, tesouros (moedas e artefatos valiosos); antes, nos encoraja a termos por preciosas as coisas de Deus, ao invés de colocarmos nosso coração em "tesouros" deste mundo, que são efêmeros e corruptíveis.

3) Qual dos seguintes textos bíblicos apresenta uma forte evidência de que existe, de fato, um *sensus plenior* em determinadas passagens ou palavras da Escritura? (0,5 pt.)

a. "Como em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade" (2Co 8.2).

b. "Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas, que profetizaram da graça que vos foi dada; indagando que tempo, ou que ocasião de tempo, o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir , e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas , que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam bem atentar" (1Pe 1.10-12).

c. "Sabe, porém, isto; que, nos últimos dias, sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus" (2Tm 1-4).

d. "Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, dos sacerdotes que estavam em Anatoth, na terra de Benjamim: Ao qual veio a palavra do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amon, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado. E lhe veio, também, nos dias de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá, até ao fim do ano undécimo de Zedequias, filho de Josias, rei de Judá, até que Jerusalém foi levada em cativeiro no quinto mês" (Jr 1.1-3).

e. "Então o Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão, e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá: se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará" (Hc 2.2,3).

4) Um certo ministro, após fazer uma interpretação correta de Mt 19.16-26, pregou um sermão tendo como texto base a referida perícope. Se seu sermão refletiu corretamente a exegese que fizera, qual das alternativas a seguir sintetiza a ideia da passagem mais corretamente? (0,5 pt.)

a. O "jovem rico", com nítidos traços de arrogância e orgulhoso de si mesmo, pensava que o cumprimento da Lei (ao menos ele achava estar cumprindo) garantia-lhe uma posição diante de Deus. Jesus, ao convidá-lo a doar todos os seus bens, diante da resposta negativa do jovem, mostrou-lhe que não era capaz sequer de posicionar Deus como a maior devoção de sua vida, que continuava sendo suas posses. Jesus mostra que o cumprimento de regras não compra o favor de Deus, e que a salvação se dá pela graça somente.

b. O "jovem rico", possuidor de muito dinheiro, mostrava-se, por isso, arrogante e impertinente. O Senhor, no diálogo com o jovem, ficou sabendo de sua alta condição social e, sendo contrário ao acúmulo de bens, convidou o jovem a doar todas as suas riquezas. A intenção de Jesus, como o "bom mestre", era provar que a riqueza material e o acúmulo de bens era contrário à vontade de Deus para os seus, e que os que são ricos materialmente devem abrir mão de suas posses a fim de conquistar a eternidade.

c. O "jovem rico", fiel cumpridor da Lei, seguiu, por toda sua vida, os preceitos e mandamentos divinos com perfeição. Por isso, havia alcançado graça aos olhos de Deus, motivo pelo qual Jesus estava conversando com ele. No entanto, Jesus resolveu testá-lo mais uma vez, lançando a ele uma ordem: a de doar seus bens. O jovem rico, não querendo cumprir mais este mandamento, perdeu a chance de adentrar no Reino de Deus.

d. A ênfase de toda a passagem recai sobre a figura do camelo tentando passar pelo buraco de uma fechadura, em comparação a uma pessoa rica realizando uma façanha. A fechadura, simbolizando a porta para o céu, pode permitir que o camelo entre devido ao seu notável esforço; enquanto um rico não consegue entrar pela porta do céu, pois, ao invés de se esforçar, ele tenta comprar sua entrada. A mensagem é que, realmente, conquistamos a salvação com nossos próprios esforços. O homem salva a si mesmo, se realmente quiser isto!

e. Nenhuma das alternativas anteriores representa corretamente um resumo ortodoxo de Mt 19.16-26.

5) **Observe atentamente o seguinte versículo: "Mas, o que sai da boca procede do coração, e isso contamina o homem. Porque, do coração, procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias" (Mt 15.18,19). Qual das seguintes alternativas não apresenta uma passagem paralela ao versículo citado de modo que, em uma exegese, não poderíamos congruir ambos os textos para uma compreensão mais clara e profunda da Escritura?** (0,5 pt.)

a.Rm 3.9-20

b.Gl 5.19-21

c.Pv 1.8

d.Cl 2.20-23

e.1Jo 1.8-10